

Extensão universitária e o conhecimento científico

University extension and scientific knowledge

Lourdes Aparecida Della Justina

Universidade Estadual do Oeste do Paraná
lourdesjustina@gmail.com

Wellington Soares de Lima

Universidade Estadual do Oeste do Paraná
professorwsl@gmail.com

Bruna Cristina Tomazini Neto

Universidade Estadual do Oeste do Paraná
brunatmzneto@gmail.com

Resumo

Universidades possuem um tripé de ensino, pesquisa e extensão, os quais nem sempre estão em igualdade de ações. O trabalho aqui apresentado objetiva suscitar discussões sobre atividades extensionistas e suas relações com a pesquisa e o ensino de forma que esclareça a importância da extensão na formação acadêmica e sua notoriedade frente à comunidade. Faz parte de uma investigação mais ampla, relacionada às atividades de extensão desenvolvidas com a temática sexualidade. Como esse trabalho apresenta características de natureza teórica, dialogamos com autores e documentos acerca das ações extensionistas. Nosso olhar se dá a partir de uma universidade pública do Paraná. Consideramos necessária a formação de um estudante em atividades extensionistas, pois ele possuirá um olhar diferenciado quanto a sociedade como um todo e à qual pertence, percebendo a relação de interdependência da academia com a comunidade na construção dos saberes científicos.

Palavras-chave: Atividades extensionistas, universidade, curricularização da extensão, Ensino-Pesquisa-Extensão, sexualidade.

Abstract

Universities in Brazil have a tripod of teaching, research and extension, which are not always on equal terms. The work presented here aims to raise discussions about extension activities and their relationships with research and teaching in a way that clarifies the importance of extension in academic training and its notoriety in the community. It is part of a broader investigation related to extension activities involving thematic sexuality. As this work presents resources of a theoretical nature, we dialogued with authors and documents about extensionist actions. Our view takes place from a public university in Paraná. We consider it necessary to train a student in extension activities, as they will have a different look at society as a whole

and to which they belong, realizing the relationship of interdependence between the academy and the community in the construction of scientific knowledge.

Key words: Extensionist activities, university, extension curricularization; Teaching-Research-Extension, sexuality.

Introdução

O trabalho docente nas universidades tem passado por momentos não tão bons nos últimos anos, tendo em vista o momento político ao qual nos encontramos, todavia, são estes os profissionais que movimentam e direcionam os caminhos da Ciência. Ciência esta, que ocorre pela sociedade, pela curiosidade, pela necessidade, mas que por vezes tem sido ofuscada pelo senso comum e por uma infinidade de notícias falsas.

A universidade é movida por 3 pilares essenciais: ensino, pesquisa e extensão. Talvez é neste último onde devemos passar a olhar com mais carinho para poder visualizar os saberes acadêmicos chegando a sociedade a qual a universidade pertence, seja de forma direta, com os conhecimentos e saberes propriamente ditos, ou servindo apenas como uma base de reconhecimento da Ciência enquanto pesquisa, fonte de estudo, de seriedade.

Este trabalho de natureza teórica faz parte de um estudo maior sobre a sexualidade em atividades extensionistas. Duas temáticas (sexualidade e extensão) que hoje nos soam tão caras em abordar, seja pelos discursos falaciosos sobre uma delas, seja de outro lado pelas discussões talvez minimizadas sobre uma possível curricularização da extensão. Discussões estas que podem ter sido diminuídas exatamente pelas forças redirecionadas a lutas vistas como mais necessárias, pelo menos no momento político e ideológico que passamos.

Diante disso, expomos, neste trabalho, características da extensão dentro das universidades – com um olhar à Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), bem como suas relações entre a pesquisa e o ensino, e seu processo de curricularização que fornecerá elementos diferenciados na formação dos discentes e dos docentes.

Procuramos trazer aspectos que denotam e caracterizam as atividades extensionistas dentro da universidade. Buscamos apresentar, paralelamente aos referenciais, aspectos normativos sobre a extensão da instituição estudada. Dessa forma, inicialmente apresentamos a extensão nesta universidade e posteriormente realizamos uma abordagem sobre a aplicabilidade da extensão, enquanto sua curricularização com a pesquisa e o ensino, tecendo breves relações com a sexualidade. O objetivo geral deste trabalho é suscitar discussões sobre atividades extensionistas e suas relações com a pesquisa e o ensino, esclarecendo a importância da extensão na formação acadêmica e sua ação frente à comunidade.

Unioeste e sua abordagem extensionista

A Unioeste é uma universidade regional reconhecida desde dezembro de 1994, atualmente com 5 campus. Esta universidade “tem como missão produzir, sistematizar e socializar o conhecimento, contribuindo com o desenvolvimento humano, científico, tecnológico e regional, comprometendo-se com a justiça, a democracia, a cidadania e a responsabilidade social (UNIOESTE, 2017, s/p).”

De acordo com seu relatório de reconhecimento enquanto universidade (PARANÁ, 1994), o ensino na Unioeste procura aprimorar e qualificar a integralização das atividades acadêmicas

com o desenvolvimento científico e cultural, com foco especial a formação de futuros educadores. Quanto à pesquisa, esta procura fortalecer e aprimorar atividades desenvolvidas na instituição, e a extensão busca o serviço à comunidade, priorizando pessoas em processo de marginalização.

Em 1999, ao aprovar o estatuto da referida universidade, os focos do tripé universitário (ensino-pesquisa-extensão), são discutidos e ampliados. No ensino, se visa qualificar os universitários, prepará-los profissionalmente e formar pesquisadoras/es para produção científica e tecnológica, atualizando e aprimorando conhecimentos e processos de trabalho. Já a “pesquisa é o processo da busca, da investigação e da indagação, visando a produção, o cultivo e o aprimoramento do saber científico, tecnológico, artístico, cultural e filosófico [...] (Art. 49)” e a “extensão é o processo educativo, cultural e científico, que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável, potencializando a relação transformadora entre a Universidade e a sociedade (Art. 51).” (UNIOESTE, 1999).

A partir disto, percebemos que a Unioeste destaca a preocupação em visualizar os conhecimentos produzidos na academia sendo utilizados, aprimorados e evidenciados frente à sociedade. Vale destacar que nem sempre, um saber terá um viés diretamente utilitarista, todavia, reforçamos que todo conhecimento é proveniente de problemas, necessidades e questionamentos decorrentes de ações sociais e/ou de simples curiosidade humana, como o caso das discussões que circundam a sexualidade seja para conhecer o outro, seja para conhecer-se. A emancipação humana e sua transformação são um compromisso extensionista (SCHÜTZ, 2016).

Uma extensão que transpõe suas contradições históricas e polissemia e se reconfigura em programas e projetos para além de um canal de comunicação e legitimação de saberes hegemônicos ou mera prestação de serviços assistencialista, mas espaço de construção do conhecimento, portanto, processo dialógico, crítico, reflexivo, educativo, científico, interdisciplinar e emancipatório (IMPERATORE; PEDDE; IMPERATORE, 2015, p. 2).

Reforçamos que a extensão não pode ser pensada sem nos atentarmos à pesquisa e ao ensino que constituem um tripé indissociável dentro das universidades, conforme preconiza a Constituição Federal de 1988: “Art. 207. As universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, e **obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão** (BRASIL, 1998, grifo nosso).”

A Unioeste já desenvolveu diversas atividades extensionistas com olhares para a sexualidade, em especial, voltadas para a formação docente, afinal, formando professores nesta temática, possibilita que os saberes e conhecimentos sejam mediados por sujeitos multiplicadores os quais estão em maior contato com cidadãos em formação (LIMA, 2019). Obviamente, esta estratégia de formar multiplicadores se estende para outras temáticas das atividades extensionistas, uma vez que o foco delas é o diálogo com a comunidade.

Além de sua missão, a Unioeste atua com base em princípios éticos que visam o exercício da cidadania, conforme a Lei de Diretrizes e Bases 9394 (LDB) (BRASIL, 1996), que expõem que além das universidades serem instituições pluridisciplinares, o ensino superior possui como uma de suas finalidades: [...] promover a extensão, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição (1996, s/p).

Dessa forma, a partir das bases teóricas e normativas trazidas, a pesquisa, o ensino e a extensão

deveriam ser atividades realizadas enquanto unidade, prezando pelo desenvolvimento científico e cultural que permeia um arcabouço social ao qual a instituição está inserida.

Possibilidades e desafios da extensão universitária

O desenvolvimento da pesquisa, por vezes, tem como ponto de partida os problemas sociais, para favorecer a vivência e convivência humana. Também pode atuar para responder questionamentos estritamente acadêmicos. No caso das atividades de extensão, são os momentos em que ocorre o contato com a comunidade para, inicialmente, ter o reconhecimento das necessidades sociais e, posteriormente a socialização de um saber científico e tecnológico que poderá auxiliar a sociedade. O diálogo entre o conhecimento científico e o popular pode decorrer em uma nova construção social (ASINELLI-LUZ, 2008). Estas informações podem chegar à comunidade por meio das atividades de pesquisa e extensão, cada uma com suas particularidades, às quais propiciam um diálogo entre o conhecimento científico e o popular ocorrendo uma nova construção social (ASINELLI-LUZ, 2008). De acordo com a referida autora, informações a respeito de:

[...] drogas, gênero e sexualidade, procuram respeitar as diferentes tendências academicamente construídas, ao mesmo tempo em que novos dados da realidade são coletados e analisados para possibilitar a dinâmica da reflexão sobre o conhecimento produzido (ASINELLI-LUZ, 2008, p. 91).

Diante disso, a universidade pública é e foi criada para atender as necessidades do país, lembrando que estas necessidades não precisamente decorrem de problemas sociais, e paralelamente, a extensão universitária transforma a instituição no sentido de assumir um maior compromisso na construção de uma nova cidadania preocupada com questões sociais, ou seja, a universidade passa a contribuir significativamente para a mudança da sociedade (UNIOESTE, 2002). Como exemplo, a universidade pode se inserir na comunidade por meio de atividades que discutam a gravidez na adolescência, métodos contraceptivos, ISTs etc., orientando e auxiliando em problemáticas de saúde pública desta área.

A Educação em Ciências poderia e pode contribuir em muito para a divulgação e a disseminação da ciência na comunidade. Fazer com que cada vez mais pessoas percebam a ciência, seus locais de vivência e se situem de seus papéis frente a meio que vivem, favorece níveis de consciência ambiental e social que possibilitam transformações que se perpetuam para outras áreas de saber.

Conhecer sobre o corpo e sobre os cuidados com ele, sejam em aspectos de higiene, de violência e também de prazer e sexualidade podem refletir em setores de saúde pública, de segurança e de bem estar social.

Corroborando com Dalmolin e Vieira (2015), não queremos de forma alguma reforçar um papel assistencialista e acrítico da extensão, mas sim, reforçar a possibilidade de interação entre o conhecimento e a sociedade reivindicada por movimentos populares que se sentem distanciados da academia. Ribeiro, Mendes e Silva (2018, p. 337) reforçam tal compreensão, sob um olhar de diálogos horizontalizados, expondo que “A extensão favorece a escuta sensível e implicada e não uma atuação sobre a comunidade e sobre o outro”.

De acordo com o Plano Institucional de Extensão da Unioeste (PIEU) (UNIOESTE, 2002), a extensão também se configura enquanto produtora de conhecimento em um processo educativo, a qual se constitui pela troca de saberes populares e acadêmicos que tendem a ser sistematizados e democratizados, resultantes da participação da comunidade e do confronto com a realidade.

Outra função da extensão universitária e sua íntima relação com o ensino e a pesquisa, refere-

se à universalização da educação, trazida na LDB (BRASIL, 1996) e no Plano Nacional de Educação (PNE) (BRASIL, 2014) que ressaltam a importância de aproximar o nível formativo do Ensino Superior à Educação Básica mediante parcerias de formação profissional e é claro, por meio de pesquisas pedagógicas.

Pesquisadores em formação na área da Educação em Ciências podem dialogar com comunidades a fim de compreender suas necessidades, e tentar desenvolver atividades que promovam tanto a transformação daquela realidade considerada uma problemática social como também pode gerar multiplicadores de informações e saberes.

Para que a extensão cresça em quantidade e se consolide enquanto um pilar universitário, o PNE aprovado em 2014, estabelece que 10% da carga horária da graduação seja realizada em atividades de extensão, o que pode impulsionar a curricularização da extensão e aumento do contato de professoras e professores e, alunas e alunos com atividades extensionistas (BRASIL, 2014).

Dessa forma, em 2018, o MEC disponibilizou as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira (DEESB) (BRASIL, 2018), que reforçam os critérios e os ampliam, embora permaneçam prezando pelas normas institucionais de cada universidade. Vale atentar, que estas diretrizes caracterizam a atividade de extensão como “[...] intervenções que envolvam diretamente as comunidades externas às instituições de ensino superior e que estejam vinculadas à formação do estudante [...] (Art. 7)”.

As atividades de extensão podem ser desenvolvidas sob algumas modalidades: programa, projeto, curso, evento e prestação de serviço (BRASIL, 2018a). Tais modalidades correspondem a normas específicas de extensão da Unioeste (UNIOESTE, 2014) que as caracterizam correspondentemente:

- Programa: é constituído por duas ou mais proposições de outras modalidades de atividade de extensão (uma, ao menos, deve ser um projeto). Possui caráter orgânico-institucional de longo prazo (mínimo de 3 anos) com ações, objetivos e regulamentação aprovada por outras instâncias universitárias (conselhos, colegiados etc) integrando preferencialmente pesquisa e ensino e outras unidades administrativas.
- Projeto: necessita de objetivos específicos de cunho educativo, cultural, social, tecnológico ou científico, sendo contínuo e processual.
- Curso: é planejado e organizado para ser destinado à comunidade, com mínimo de 8 horas e de caráter pedagógico.
- Evento: caracterizado pela apresentação e/ou exibição pública de conhecimentos e saberes (científicos ou culturais) a público livre ou específico sob forma de congresso, ciclo de debates, exposições, festivais, ações esportivas e atos pontuais.
- Prestação de serviço: pode ser uma atividade terceirizada (a universidade contrata terceiros para a ação) ou não, mas com objetivo na execução de atividades profissionais que demandam habilidades e conhecimentos de domínio da instituição.

Diante dessas modalidades e em sintonia com as definições trazidas no PIEU (UNIOESTE, 2002), concordamos com a definição de extensão exposta nas DEESB:

A Extensão na Educação Superior Brasileira é a atividade que se integra à matriz curricular e à organização da pesquisa, constituindo-se em processo interdisciplinar, político educacional, cultural, científico, tecnológico, que promove a interação transformadora entre as instituições de ensino superior e

os outros setores da sociedade, por meio da produção e da aplicação do conhecimento, em articulação permanente com o ensino e a pesquisa (BRASIL, 2018, Art. 3).

Observamos em diferentes documentos, sejam eles federais ou institucionais, a preocupação em abordar a extensão indissociável à pesquisa e ao ensino. Para Schütz (2016), a interdisciplinaridade é promovida pela extensão de forma que o ensino, a pesquisa e a extensão se retro transformam. Nessa perspectiva “a Extensão altera tanto as práticas de ensino, a formação do profissional egresso, o trabalho docente, quanto suscita novas linhas de pesquisa, por fazer emergir novos problemas no universo social que demandam novos projetos de estudo” (s/p).

No âmbito da sexualidade, profissionais da educação podem contribuir na educação sexual, profissionais da saúde podem promover ações de testagem de infecções, oferecer consultas, recomendações médicas, a área de engenharias e matemáticas podem trabalhar com tabulação de dados e desenvolvimento de projetos físicos locais e de logística, por exemplo, que contribuam na defesa contra violências, enfim, a infinidade de contribuição de cada área de conhecimento para diferentes temáticas é imensa.

Assim, um profissional formado também por meio de atividades de extensão terá olhares mais práticos para as problemáticas da comunidade, conseguindo perceber onde seus saberes podem ser fundamento de transformação social. Possuir um “tato” sobre o como, onde, quando e para quem falar sobre assuntos que envolvem violências sexuais de crianças e adolescentes, pode ser um exemplo de reflexões que um professor pode vivenciar em sua prática educativa e caso, tenha participado de atividades que envolvessem a temática, suas proposições de resolver ou mediar situações se tornam mais palpáveis.

Talvez a dificuldade em visualizar tal indissociabilidade se configure por uma variedade de concepções existentes de extensão, que são constituídas por vieses ideológicos e históricos, bem como as políticas institucionais e acadêmicas que podem refletir em intempéries também no âmbito burocrático pedagógico e administrativo.

Essa diversidade de concepções, por vezes fragmentada, atrelada a autonomia institucional talvez é o que dificulta ainda mais o processo de curricularizar a extensão ou como apontam Imperatore, Pedde e Imperatore (2015, p. 12), um processo de extensionalizar o currículo, pois não se descaracteriza a função disciplinar das grades curriculares. Segundo eles a extensão deve possuir:

[...] movimento de aproximação da universidade com a sociedade na perspectiva de enfrentamento de pautas reais, relação com empresas, organizações não governamentais, movimentos sociais, entidades públicas, entre outros. Ressignificando, efetivamente, o currículo, de forma a evitarmos a mera inserção de “apêndices”, que tratem de forma desconexa a formação acadêmica lastreada pela quadriade extensão-pesquisa-ensino-gestão.

Pensando em uma prática emancipatória para estudantes, docentes e comunidade, sair deste caráter meramente disciplinar da universidade é uma condição necessária (RIBEIRO; MENDES; SILVA, 2018). Para Moita e Andrade (2009), a pesquisa, o ensino e a extensão são continuações naturais e indissociáveis durante o processo de produção científica do conhecimento daqueles que possuem o foco de modificar a realidade estudada. Percebemos até o momento que apesar de visualizarmos a universalização da extensão como benéfica às realidades formativas dos acadêmicos, para que a mesma se efetive de modo a ser

curricularizada, são muitos os desafios que precisam ser considerados e estudados, levando em consideração as pessoas e funções envolvidas na universidade.

Um desafio explicitado e primário refletido por Dalmolin e Vieira (2015) seria quanto à formação dos docentes universitários em relação ao trabalho extensionista, tendo em vista que muitas das áreas, consideradas duras, não possuem viés algum pedagógico, o qual pode ser um facilitador no momento em que se tem um contato com a comunidade, além de ampliar as potencialidades em aprender e ensinar. Acreditamos que uma formação que vise os aspectos da extensão, pode também favorecer a indissociabilidade da pesquisa, ensino e extensão.

Contudo, se a indissociabilidade evidencia uma força enquanto referência social, teórica e normativa, ela apresenta, ao mesmo tempo, limites e dificuldades para efetivar-se no contexto atual, dominado pela economia global de mercado, pela fragmentação e especialização do saber e pela ausência de uma concepção transversal de universidade. Assim, a educação superior subsumida pela demanda mercadológica, ao pautar-se pela lógica da racionalização e do lucro, perde-se enquanto vocação ao conhecimento, esvaziando-se como produtora de cultura e promotora da humanização. Decorre, dessa forma, a necessária mobilização por uma reflexão que retome a vocação da presença universitária, cujo cerne é a dinâmica curricular voltada para a construção de uma sociedade que promova a qualidade de vida dos sujeitos, em todas as suas dimensões (DALMOLIN; VIEIRA, 2015, p. 7191).

Essa afirmação atenta para outro viés compreendido como extensão, o qual estaria totalmente dissociado de saberes curriculares e científicos, deixando de forma implícita que as atividades desenvolvidas carecem de saberes e conhecimentos científicos. Todavia, a afirmação já nos fundamenta que a função da universidade não se restrinja a uma grade curricular, mas ultrapasse e extrapole os limites conteudistas, priorizando a transformação social.

Assim, para que de fato se realize uma transformação social, o futuro profissional além de ter um olhar diferente para sua prática tendo em vista a resolução de problemas, como em casos de preconceitos de gênero dentro do ambiente escolar precisa, também ter um papel pesquisador, afinal, precisa compreender os fatos que levam a tais questões, como investigar os motivos das ações que geram *bullying* e podem resultar em violências físicas.

Uma destas preocupações sociais é inicialmente apontada pelo PIEU (UNIOESTE, 2002) por meio do desenvolvimento de programas com crianças e adolescentes visando uma melhoria de atendimento e ações que priorizem este público. Dentro desta pauta, apontamos que discussões de sexualidade perpassam por estes sujeitos constantemente. Ressaltamos que para possuir esse respaldo crítico que lhes assegurem conhecimento de direitos e como se proteger de violências necessitam de acesso a essas informações.

Um dos caminhos para que se discuta a temática com este público seria no ambiente escolar, e para isso se faz necessária uma formação docente para tal. É aí que podemos adentrar com as atividades extensionistas que possibilitariam uma formação continuada aos docentes que trabalham cotidianamente com crianças e adolescentes. Assim, a extensão aparece como uma fonte de conhecimentos que pode auxiliar efetivamente na reconstrução e compreensão social, em temas tidos como polêmicos, que muitos docentes possuem acesso escasso, e por vezes dificultado, aos saberes cientificamente produzidos que podem também encontrar resistência em práticas sociais decorrentes da cultura de uma comunidade (ASINELLI-LUZ, 2008).

Asinelli-Luz (2008), aponta que atividades de extensão voltadas para docentes, são um excelente mecanismo de divulgação de saberes, pois atuam com agentes de multiplicação na

qual a aprendizagem social é recomendada, influenciada e estimulada. A extensão é:

[...] um braço importante da universidade na comunidade, numa dinâmica de ir e vir de saberes, num diálogo permanente entre o conhecimento científico e o conhecimento popular. Reconhecer a extensão como fonte de conhecimento oportuniza a professores, estudantes, pesquisadores/as e comunidade interagirem, propiciando que todos/as sejamos, efetivamente, autores e protagonistas de uma nova construção social, mais solidária, ética e cidadã (ASINELLI-LUZ, 2008, p. 95).

Tal compreensão está alinhada às concepções da Unioeste, uma vez que prioriza dialogar e interagir com diferentes formas de saberes antes de “levar um conhecimento” a fim de compor novas referências para a resolução de problemas em diferentes segmentos sociais. A emancipação humana e sua transformação são um compromisso extensionista (SCHÜTZ, 2016).

Para Dalmolin e Vieira (2015), a extensão universitária além do foco na dialogicidade e na capacidade em visualizar realidades distintas da comunidade, ela deve primar por constituir o processo formativo das alunas e alunos, professoras/es e demais profissionais presentes na universidade. Para os autores, em consonância também com Ribeiro, Mendes e Silva (2018), é preciso visualizar a extensão de forma transversal em relação à universidade e à sociedade e, como formação com viés democrático e plural. Nesse sentido a educação em ciências ainda contribui nas compreensões e olhares da ciência para algo mais acessível e próximo da comunidade.

Diante disso, curricularizar a extensão, pode favorecer a indissociabilidade do tripé universitário, oportunizando experiências formativas que inter-relacionem os saberes científicos e cotidianos, construindo um indivíduo com formação acadêmica, humana e profissional (RIBEIRO; MENDES; SILVA, 2018).

Tecendo algumas considerações

Com o subsídio dos referenciais explicitados nesse trabalho, destacamos que a extensão universitária vem para somar acadêmica e socialmente. Ela é o meio pelo qual a sociedade tem acesso à instituição e aos conhecimentos nela discutidos e produzidos. E convenhamos, não faz sentido um saber, sem que este possa ser disseminado, divulgado, ou ao menos disponibilizado o seu acesso. Por isto este tripé universitário indissociável entre pesquisa, ensino e extensão se mostra, teoricamente, como aqui apresentado, uma rede interligada, interdependente e autossustentada, sendo a extensão um dos eixos a possuir uma “escada” de acesso de outros setores sociais.

Consideramos interligada pois os três elementos necessitam de relação entre eles para se efetivarem, se tornando interdependentes, num sistema mútuo de sucesso universitário que contemple este tripé. Consideramos autossustentada uma vez que um eixo pode alimentar ao outro, constituindo ciclos de sustentação, no qual cada qual possuirá uma função e especificidade, mas ao fim, o integral somente se constitui na realização dos três.

Ainda, a educação em ciências pode ser fundamental na promoção e divulgação da ciência junto a comunidade, possibilitando que a ciência seja compreendida como dependente dos processos sociais em relações de interdependência, além de tentar promover ações que contribuam com as comunidades locais, transformando-as.

Nessa direção, a sexualidade é um tema que pode trazer grandes contribuições para a comunidade conforme apresentamos no decorrer deste trabalho. Atividades para diferentes idades (crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos) e diferentes grupos (profissionais da saúde, educação, setores do comércio etc.) podem ter necessidades específicas desta temática e consequentemente as atividades de extensão podem contribuir com os saberes científicos tanto no âmbito individual como no coletivo.

Agradecimentos e apoios

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES), código de financiamento 001.

Referências

- ASINELLI-LUZ, A. A extensão universitária enquanto fonte de conhecimento nos temas drogas, gênero e sexualidade. **Extensão em foco**, Curitiba, nº 1, p. 89-96, jan/jun. 2008.
- BRASIL. Presidência da República. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, 1988.
- BRASIL. Lei nº 9.394, 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília, 1996.
- BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 13.005 de 25 de junho de 2014, Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências**. Brasília, DF, 2014.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução nº 7, de 18 de Dezembro de 2018. **Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e regimenta o disposto na Meta 12.7 da Lei nº 13.005/2014 que aprova o Plano Nacional de Educação – PNE 2014 – 2024 e dá outras providências**. Brasília, 2018.
- DALMOLIN, B. M.; VIEIRA, A. J. H. Curricularização da extensão: potências e desafios no contexto da gestão acadêmica. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 12., 2015. Curitiba. **Anais [...]**. Curitiba: Editora Universitária Champagnat, 2015. p. 7185-7201.
- IMPERATORE, S. L. B.; PEDDE, V.; IMPERATORE, J. L. R. Curricularizar a extensão ou extensionalizar o currículo? Aportes teóricos e práticas de integração curricular da extensão ante a estratégia 12.7 do PNE. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE GESTÃO UNIVERSITÁRIA, 15, 2015, Mar del Plata. **Anais [...]**. Mar del Plata: INPEAU, UFSC, 2015. p. 1-16.
- LIMA, W. S. **Extensão na Universidade Estadual do Oeste do Paraná: um estudo sobre o tema sexualidade**. 2019. 216f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Área de concentração: Sociedade, Estado e Educação, Linha de Pesquisa: Ensino de Ciências e Matemática, Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Cascavel, 2019.
- PARANÁ. Conselho Estadual de Educação. **Parecer nº 137/94, Processo nº 070/90. Reconhecimento da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE**. Curitiba, PR, 1994.

RIBEIRO, M. R. F.; MENDES, F. F. F.; SILVA, E. A. Curricularização da extensão em prol de uma universidade socialmente referenciada. **Revista Conexão UEPG**, Ponta Grossa, v. 14, n. 3, p. 334-342, 2018.

SCHÜTZ, R. **A palavra do Pró-Reitor**. 2016. Disponível em <<https://www5.unioeste.br/portal/proex/proex/a-proex/palavra-proex>> Acesso em 20 jan. 2018.

UNIOESTE. Conselho Universitário. Resolução nº 017/99-COU. **Estatuto da Universidade Estadual do Oeste do Paraná**. Cascavel, 1999.

UNIOESTE. Conselho de Ensino Pesquisa e Extensão. Resolução nº 193/2002-Cepe. **Aprova Plano Institucional de Extensão da UNIOESTE**. Cascavel, 2002.

UNIOESTE. Institucional: **Apresentação**. 2017. Disponível em <<https://www5.unioeste.br/portalunioeste/institucional/apresentação>> Acesso em 09 jul. 2019.

